

O LARGO DO MACHADO NA EVOLUÇÃO URBANA DO RIO DE JANEIRO

LARGO DO MACHADO IN RIO DE JANEIRO URBAN EVOLUTION

Eloisa Santos

Paisagista pela EBA-UFRJ, especialista em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-RJ e mestre pelo PROARQ/FAU-UFRJ.

e-mail: elosantos@terra.com.br/eloisa@antares.com.br

RESUMO

O desenvolvimento urbanístico do Rio de Janeiro apresenta influências marcantes. Originariamente, o traçado português caracterizou a demarcação das vias e a forma como se estabeleceram as edificações. Na evolução da cidade, em nome das modernidades, constatamos as influências francesa, inglesa e canônicas do urbanismo modernista a partir dos anos 50. A tradução disso pode ser constatada no processo de criação e conservação dos espaços livres de edificações, com ou sem vegetação, legitimando sua representatividade na análise desse viés do quadro urbano. A leitura das passagens de uma a outra influência na paisagem da cidade considera o largo do Machado, com suas transformações, como o espaço livre que atende plenamente à exemplificação dessa constatação.

Palavras-chave: Evolução urbana, modernidades, largos.

ABSTRACT

The urban development of Rio de Janeiro presents marked influences. Originally, the portuguese town design characterized the demarcation of streets and the way buildings were located. In the city's evolution, in the name of modernisms, we can see the french, english and canonic influences of modern urbanism since the nineteen-fifties. This can be seen in the process of creation and conservation of open spaces without buildings, with or without vegetation, legitimizing its representation of the analysis of this type of urban design. In the analysis of changes of influences in the landscape of the city, one example is the "Largo do Machado", where the open space offers a clear example of this influence.

Key words: Urban evolution, modernisms, largos.

INTRODUÇÃO

Largo... como defini-lo? Em música, largo significa um andamento lento, e, por analogia, diríamos que, no urbanismo, definiria uma pausa na expansão e concentração das edificações. No Brasil, seria a denominação para "os espaços secos, que caracterizaram as piazze e plazas da Europa"¹. No Rio de Janeiro, essa disponibilidade espacial teve função primordial na vida de seus habitantes. Os largos eram lugares de instalação de bicas públicas, vitais para o funcionamento da cidade colonial que padecia de uma crônica falta d'água; estariam associados aos finais de linhas de veículos coletivos, ligando diversos pontos da cidade; ou se constituíram como locais de concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços. Devido talvez à forte demanda de aeração e sua condição de corte beneficiada por melhorias urbanísticas, o Rio de Janeiro apresenta um grande número de largos ao longo de sua história, principalmente no centro². Entre 1812 e 1872, vários deles foram identificados em um percurso relativamente pequeno, entre o largo do Machado e a praça da República. A seguir, a listagem desses espaços urbanos, apresentando sua situação em 1972³:

Denominação antiga	Denominação posterior e situação em 1972
<i>Largos existentes em 1812</i>	
Largo do Capim	Largo do Capim, na rua dos Andradas (desaparecido com a criação da avenida Presidente Vargas)
Largo de São Domingos	Largo de São Domingos, na avenida Passos (desaparecido com a criação da avenida Presidente Vargas)
Largo da Ajuda	Praça Floriano
Largo de Santo Antonio	Largo da Carioca
Largo de São Francisco de Paula	Largo de São Francisco
Largo do Moura	Largo do Moura (desaparecido com a criação da avenida Perimetral)
Largo da Prainha	Praça Mauá
<i>Largos surgidos após 1829</i>	
Largo do Paço	Na Praça XV de novembro
Largo de Santa Rita	Final da rua Visconde de Inhaúma
Largo do Rocio	Praça da Constituição ou praça da República
<i>Largos surgidos após 1829</i>	
Largo das Laranjeiras ^{d4}	Largo do Machado
Largo da Glória	



Figura 1:
Mapa da cidade do Rio de Janeiro, de 1858, no qual a autora assinala a maioria dos largos listados, além de destacar (em verde) o Passeio Público e o Campo de Santana

Fonte: Revista Municipal de Engenharia, jan./dez., p. 102, 1992

<i>Largos surgidos até 1872 *</i>	
Largo da Mãe do Bispo	Incorporado à atual praça Floriano
<i>Outros largos identificados nesse pequeno percurso</i>	
Largo do Valdetaro	Localizado no Catete
Largo do Russel	Localizado na praia do Flamengo

* Em 1872, os habitantes do Rio de Janeiro somavam cerca de 275.000 pessoas, e a água potável era, ainda, a precariedade mais acentuada na cidade. Foram construídos alguns reservatórios e instaladas bicas em vários logradouros, preferencialmente nos largos listados em seguida.

CONDIÇÕES HISTÓRICAS E GEOGRÁFICAS

Várias nascentes da serra da Carioca desciam por riachos até os vales das Laranjeiras e de Botafogo, mas apenas um deles, com o volume aumentado pelo encontro com as águas da pedra de S. Teresa, alcançava o mar quase ao norte do morro da Glória. Descendo pelo Catete, esse braço do rio Carioca, após formar a lagoa, onde atualmente está o largo do Machado, criou também o que se chamou de ilha da Carioca — uma nesga de terra “em que fica incluído o Morro da Glória e, verdadeiramente isolada entre a Guanabara, o curso daquele braço, chamado Catete, e o último trecho do Carioca propriamente dito, cujos dois desaguadouros delimitavam assim a sua extensão”⁵. O largo do Machado está situado na zona sul do Rio de Janeiro, sendo uma confluência dos bairros de Laranjeiras, Catete e Flamengo, com seus limites traçados desde 1810. Seu jardim apresenta terreno plano, ocupando uma área de aproximadamente 7.300 m².

O vale das Laranjeiras, de terras férteis atravessadas pelo rio Carioca em toda a sua extensão, garantindo o abastecimento d’água, atraiu muitos povoadores desde o século XVI, quando se formava a cidade do Rio de Janeiro. Na entrada do vale, no baixo curso desse rio, existiu a lagoa da Carioca, que, ao ser aterrada, formou um descampado denominado, a princípio, campo das Pitangueiras, e depois campo das Laranjeiras. A produção do vale escoava em embarcações por esse rio de grande volume d’água, até o mar da Guanabara, abastecendo os trapiches e mercados ao pé do morro do Castelo.

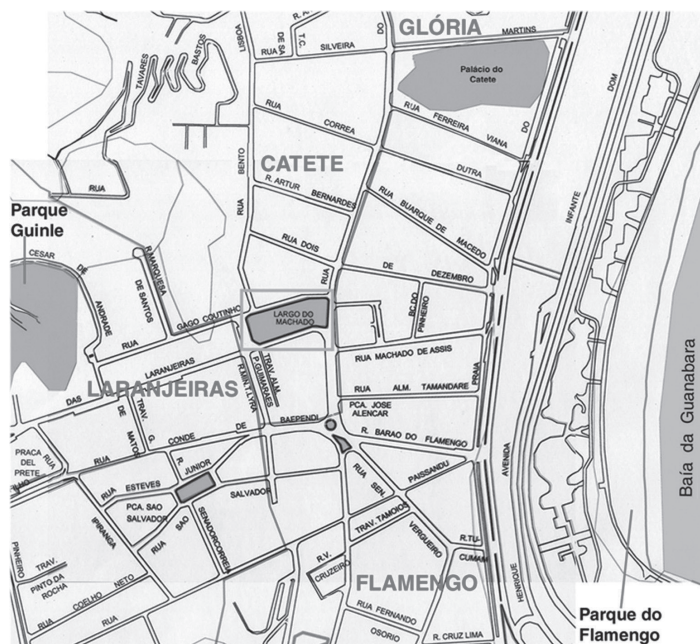


Figura 2:
Mapa de localização do largo do Machado, no qual vemos assinalados o largo do Machado, o Palácio do Catete, o Parque Guinle e o Parque do Flamengo, assim como os limites dos bairros (em vermelho) do Flamengo, das Laranjeiras, do Catete e da Glória

Fonte: Rio Atlas 2005. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos (via internet)

Depois de ser chamado campo das Pitangueiras, e, em seguida, campo das Laranjeiras, esse espaço público recebeu o nome de largo do Machado, devido ao enorme machado pintado em frente de um açougue instalado no local.

Em 1843, recebeu a denominação de praça da Glória, devido a uma portaria ministerial que relacionava esse espaço à Matriz da Glória. Em 1869, passou a ser denominado praça Duque de Caxias, até 1917, quando voltou a ser chamado de largo do Machado. Porém, a partir de 1933, mais uma vez recebeu a denominação de praça Duque de Caxias. Finalmente, prevalecendo a vontade popular, voltou a ser denominado largo do Machado pelo Decreto n. 4300, de 24 de agosto de 1933⁶.

A IGREJA MATRIZ

Em 1628, o padre Cosme Ramos de Moraes, mestre da capela da cidade, obtendo o aforamento de uma extensa área que incluía o brejo ocupado anteriormente pela lagoa da Carioca, desenvolveu por mais de 30 anos uma grande plantação de hortaliças. Ao longo do tempo, com a finalização do aterro da Lagoa, desapareceu o brejo, e as terras doadas ao capelão foram fracionadas em chácaras. No final do século XVIII poucas construções se apresentavam ao longo do vale.

No Rio de Janeiro do início do século XIX, ainda vigorava a divisão urbana por freguesias. A de São José, talvez a mais populosa, compreendendo uma vasta área que incluía os arrabaldes da região da Gávea, posteriormente incorporada pela Freguesia de São João Batista da Lagoa. Devido ao crescimento da população de Laranjeiras, Catete e Botafogo, sobrecarregando a Freguesia de São José, por decreto imperial, em 1834, foi criada a Freguesia da Glória⁷.

A criação dessa freguesia demandava uma igreja que a servisse como sede paroquial. Na chacara localizada entre as atuais ruas Pereira da Silva e Laranjeiras, foi erguida, por seu proprietário e outros vultos da sociedade do Rio de Janeiro, uma capela para devoção de N. Sa. dos Prazeres, a qual funcionou precariamente como matriz para a Freguesia da Glória⁸.

No início da rua das Laranjeiras, o atual n. 9 abrigou uma pequena capela que a rainha d. Carlota Joaquina mandara edificar, próxima à sua residência: a Chácara de Botafogo, localizada na esquina da atual rua Marques de Abrantes com a praia de Botafogo.

Em 1835, uma ação movida pelo Banco do Brasil contra a então rainha de Portugal, d. Maria II, beneficiou o novo proprietário da velha capela. A Irmandade da Glória, interessada em adquirir o pequeno templo, negociou sua venda pela quantia de dois contos de réis. A escritura data de 4 de abril de 1835, mas apenas no final desse ano as imagens e a Irmandade da Capela dos Prazeres foram transferidas para a nova sede. O traslado das imagens foi acompanhado de uma grande procissão e festividades, com a presença da família real e de todos os dignitários da corte.

O largo do Machado já se caracterizava como local aristocrático e, para as missas de domingo, o templo pequeno e despojado tornou-se insuficiente para acolher o grande número de seus fiéis pertencentes à prestigiada classe dominante. Dois anos depois, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Glória escolheu um novo local onde seria erguido o novo templo, mais condizente com o padrão de seus freqüentadores. A escolha da congregação recaiu em terreno situado no largo do campo do Machado, propriedade de Domingos Carvalho de Sá, entre as ruas das Laranjeiras e a atual Gago Coutinho (antiga Carvalho de Sá). Para cessão do local, que incluía também uma nesga de terra pertencente a Francisco Marques Lisboa, os proprietários impuseram a condição que os mortos não fossem ali enterrados, tanto em catacumbas quanto em campas. Em julho de 1838, o terreno foi oficialmente cedido à irmandade. Quatro anos depois foi lançada a pedra fundamental do templo, conduzida por d. Pedro II, a quem foi conferido o título de Provedor Perpétuo da Irmandade, em cerimônia acompanhada pela nobreza e por uma grande massa popular. Porém, o vultoso empreendimento ficou além das possibilidades financeiras da congregação, e a construção da igreja,

com projeto inspirado na igreja da Madeleine, em Paris, levou um período muito longo para ser finalizada – em 1856; quando ocorreu o traslado das imagens, apenas a capela-mor estava concluída.

Em 1872, finalmente, a Matriz da Glória – sem a torre, concluída quatro anos depois – foi inaugurada com grandes festividades. As portas da igreja abriram-se ao povo apenas uns dias depois, quando se realizou o desfile dos andores conduzindo as imagens que até os dias de hoje são veneradas pelos fiéis. A igreja da Glória era o templo preferido para o culto religioso da elite residente nos bairros do Catete, Laranjeiras e Flamengo.

A construção da igreja provocou melhorias no tratamento paisagístico para o largo do Machado, a cargo de Auguste Marie François Glazou, nomeado diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial em 1869⁹.

ESPAÇO ELITIZADO E POPULAR: AS CONCEPÇÕES PAISAGÍSTICAS

O largo do Machado foi local de ricos proprietários de chácaras, como Cerqueira Lima (para o lado da atual rua Bento Lisboa), e, do lado da rua das Laranjeiras, situava-se o palacete do doutor Machado Coelho de Castro, presidente do Banco do Brasil no final da monarquia. A igreja chegou a ser uma das mais elegantes da cidade. No largo situavam-se o Parque Fluminense (teatro de variedades de tipo campestre, no qual a mocidade da vizinhança reunia-se aos domingos); a Escola José de Alencar, inaugurada em 1875 (posteriormente, Escola Amaro Cavalcanti); e a estação e cocheira dos bondes, onde se concentravam mais de 100 burros para puxá-los, que ali permaneceu até 1892, quando foi inaugurada a primeira linha de bondes elétricos da cidade, com pontos finais nos largos da Carioca e do Machado¹⁰.

Antes da construção da igreja N. Sa. da Glória, o largo do Machado era um centro de comércio e ponto final de veículos coletivos, com um jardim contendo, em sua parte central, um chafariz instalado, e cuja situação fora assim descrita em 1868: *“O abaixo assinado aluga-se a fazer a conservação do Largo do Machado sujeitando-se mais a fazer o plantio dos arvoredos que faltam dentro do jardim e mais oito ou nove em volta do chafariz [...] Pedindo mais a Illma. Câmara um guarda para evitar que entrem os animais que constantemente vagam por aquele Largo. Obrigando-se mais o proponente a substituir as ruas que estão de asfaltos por macadame e areia, e a dos centros para o leito do cimento e cal para evitar o vegetal.”*¹¹

O jardim identificado no levantamento topográfico do largo do Machado, cujo traçado foi atribuído ao doutor M. C. Galvão, de 1855, tem características geométricas dentro dos parâmetros do tradicional jardim francês (Figura 3). O desenho indica a existência de um chafariz, evidenciando uma semelhança com o padrão de concepção paisagística adotado no século XVIII por Mestre Valentim na elaboração do Passeio Público.

Em 1872, Glazou conceberia um novo traçado para o jardim do largo do Machado¹². A concepção difere completamente da anterior, sugerindo influências do jardim inglês, considerado moderno na França, e importado por ele para o Brasil. Devido à falta de documentação sobre o projeto, que, além de comprovar a atuação do paisagista francês para o largo do Machado, possibilitaria a análise de suas características geométricas, as deduções foram baseadas nos relatos da população em correspondências ou jornais e em fotografias datadas de 30 anos depois (Figura 4), em um período próximo às intervenções de Pereira Passos.

O material consultado permite as seguintes considerações:

- Tratava-se de um jardim fechado, cercado por gradil, de influência inglesa, com traçado axial, espacialmente relacionado com a dedicação religiosa no lado oposto do jardim;
- Glazou usou a figueira-da-Índia (*ficus microcarpa*) em seu entorno e as palmeiras imperiais (*rystonea oleracea*), com alguns exemplares ainda persistindo, e implantou muitos espaços gramados;
- usou saibro para o piso;
- conservou o chafariz de madeira, não havendo substituição por um de ferro fundido, contrariando o uso intenso que, na época, fazia-se desse recurso artístico.

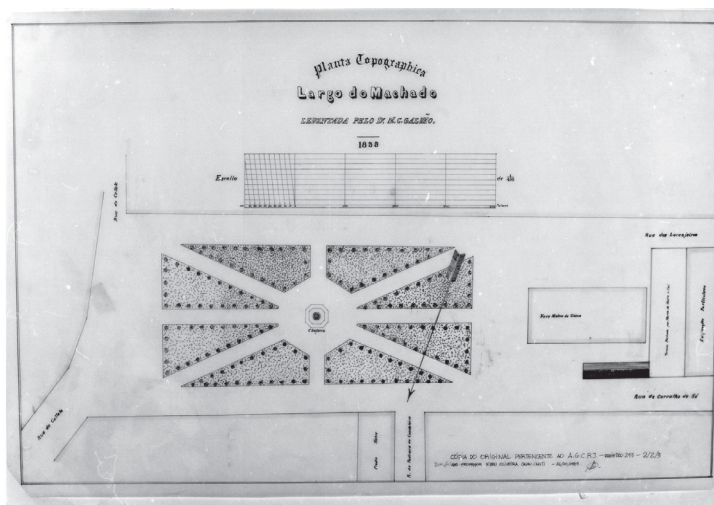


Figura 3:
Primeira concepção do jardim do largo do Machado (1855), cujo traçado ortogonal revela a influência do jardim geometrizado francês
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

A intervenção de Glaziou parece não ter sido duradoura, conforme descrição em documento de 1875: “Deixando o Guarda do Jardim da Praça do Duque de Caxias... de cumprir constantemente as ordens que lhe dou respeito... consentindo grande quantidade de vadios fazerem estragos no Jardim **já quebrado o gradil, bancos e estragando as plantações e grama.**[...] Pelas suas continuadas faltas, respondeu-me... que não era guarda para estar de sentinella no Jardim e deixando-me nessa ocasião **as chaves dos portões...**”¹³

Dois anos após, as condições apresentadas pela praça eram ainda as piores possíveis: “**sem água no repuxo e a bacia em mal estado, o gradil em todos os quatro lados caído, estragado e arrombado.**”¹⁴

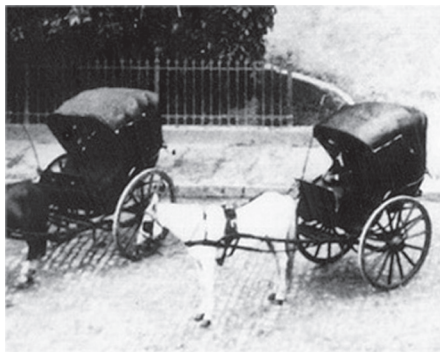
Possivelmente, as melhorias nesse local foram providenciadas apenas em meados da década de 1980 do século XIX, quando uma fonte ornamental substituiu a antiga bacia no centro da praça¹⁵.

A praça atendia a uma carência de espaço de recreio para aquela região, conforme explicitado na carta de 1891 endereçada ao presidente e mais membros do Conselho de Intendência Municipal:

“... vem requerer-vos licença para estabelecer na Praça Duque de Caxias um pavilhão de ferro com um coreto onde possa tocar uma banda de música com proporções indispensáveis a um restaurante campestre tendo sob as árvores mesas de mármore, cadeiras e bancos para recreio do público mediante as seguintes condições: o requerente obriga-se a conservar o jardim da Praça e replantar os arvoredos que morrem; obriga-se mais a conservação do gradil e portões reparando os estragos que sofrerem e pintando-os sempre que for necessário; obriga-se o proponente a recuar o gradil e o lagedo ponteiro à Estação Central da Companhia de Bondes quatro metros a fim de alargar as praças e melhorar o serviço de veículos.”¹⁶

“**A necessidade que se faz sentir de lugares de recreio no importante bairro do Catete** é suficiente para justificação do que ora se pretende; e proporcionar aos frequentadores do Largo do Machado, um ponto de recreio onde nos dias calmosos procurem um lenitivo ao calor fruindo o gozo de um ar mais puro no jardim daquela Praça que por esse meio se tornará um pequeno Passeio Público, em vez de um lugar infecto como atualmente, pelos materclosal que ali viciam continuamente a atmosfera.”

“A área a ocupar não excederá de 40 m² e será nela levantada **um elegante pavilhão de ferro e madeira** que virá preencher **a falta que se nota no bairro em questão, de um logradouro municipal de recreio.**”



detalhe 1

detalhe 2

Figura 4: Largo do Machado (sem data) – Foto confirmando a existência de um gradil que separa o jardim da via pública (detalhe 1). Apesar de não indicar a data, alguns elementos induzem a estabelecer um período, como o gradil em ferro fundido em torno do chafariz (detalhe 2). A ausência do gradil no lado direito da foto atesta os danos ao local

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

O reinado de d. Pedro II realizou diversos melhoramentos na cidade do Rio de Janeiro, acompanhando um crescimento populacional acentuado, principalmente no período relativo aos últimos 25 anos do século XIX. Porém, entre 1889 e 1903, a cidade apresentava ainda sua antiga feição colonial: ruas estreitas, malcalçadas, malventiladas e com traçados irregulares. O uso de veículos à tração animal agravava essas condições inóspitas, devido ao mau cheiro provocado pelos dejetos animais acumulados nas ruas¹⁷.

Em janeiro de 1905, os jornais publicam os protestos contra a decisão do prefeito Pereira Passos de reformar o jardim do Largo do Machado, substituindo as árvores por canteiros de flores¹⁸:

“Não achamos qualificativos para o corte de árvores, que não seja indicado como dura necessidade irremediável. Não há bem maior pra uma cidade tropical que aumentar-lhe os sítios pittorescos, de frescura e de sombra.” [...] “Quem transita nas ruas ardentes, em dias de verão, pode medir a vantagem desse benefício, quando se olhe, ou apenas passa, nos raros trechos da cidade enriquecidos de arvoredo, com o campo, a rua do Passeio, o cais da Glória e o da Misericórdia. Tem-se a sensação de um oásis, de um refúgio contra os perigos da insolação.” [...] “Para alargar a rua do Passeio, premeditou-se o attentado de destruir parte do jardim.”

“É uma cousa semelhante o que se projecta para o Largo do Machado. Não há, depois do Passeio Público, um canto da cidade, de arvoredo mais frondoso e harmônico. Árvores enormes que dão sombra aos passeios, em toda a sua extensão, são plantadas a beira do gradil, principalmente dos lados de Laranjeiras e Carvalho de Sá. Para ‘descobrir’ a estátua, formar canteiros e fazer ‘chalets’ para mictórios, será preciso cortar-as as dezenas e roubar ao Largo quase toda a sua sombra e frescura.” [...] “Além disso, jardim de arrabalde, situado num bairro cercado de habitações de famílias, convem-lhe ser isolado da via publica, para offerecer às crianças que o buscam maior segurança, melhor refugio para os seus brincados. Dá prazer estar nos jardins e nos parques como isolado do bulício da cidade, sob a illusão de um trecho campestre.”

“Não há comparação entre a mesquinhez do que será sempre o jardim da Glória e do Largo do Machado, por exemplo, um, com os seus canteiros de flores, semeados entre as pedras de cimento pintado, e os seus raros Oitis perdidos aqui e acolá, a beira do passeio: outro, com seus longos tapetes de relva, sombreados das grandes árvores copadas, reunidas em imensos grupos, massas imponentes de verdura.” [...] “Já não fallamos dos artistas, da gente de gosto, dos que se aprazem de contemplar a natureza; porem dos mais humildes homens da rua, que são talvez os que logram mais benefícios da sombra das árvores. Qualquer destes fará coro com toda a população da cidade, deixando todas as flores dos canteiros pelos robustos maciços de arvoredo.”



Figura 5:

Monumento em homenagem ao Duque de Caxias – Foto da estátua eqüestre em bronze, de Rodolpho Bernardelli, inaugurada em 15 de agosto de 1899, para o centro do atual jardim do largo do Machado (note-se o gradil de ferro fundido em estilo art nouveau)

Fonte: LEITE, Fernando da França. Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Monumentos, p. 158 (Acervo da Secretaria de Parques e Jardins)

Aos que se opunham às reformas do jardim do largo do Machado, a prefeitura respondeu:

*"As moitas de café bravo e quejandos primores, amados do Jornal e propícios a pratica de actos indecorosos, este, sim, serão destruídos, e canteiros de flores os substituirão. Será retirado o gradil, velha usança dos tempos em que era necessário um guarda em cada portão, para impedir a entrada dos 'humildes homens da rua', que a varia dá como gozando actualmente dos 'robustos macissos de arvoredo'; estafermo que serve unicamente para diffcultar o accesso ao jardim e garantir os malfeitores que nelle se acoitam a noite. Será retirado com applauso de toda a população, como foi retirado o gradil da Praça Tiradentes."*¹⁹

Em uma outra manifestação contrária à decisão do prefeito Passos, há referência ao uso dos oitis na arborização urbana:

*"Em matéria de jardins, como de theatros, ou seja de que for, o que tem de prevalecer é a sua resolução pessoal, indiscutível e inabalável. É preciso botar as árvores abaixo para plantar oitis e fazer mictorios, e depois elle próprio ou os seus escriptorios virão dizer que foram apenas 'algumas árvores', bem poucas, como na Praça Tiradentes."*²⁰

Portanto, com Pereira Passos, o jardim do largo do Machado transformou-se em uma praça aberta (Figura 6).



Figura 6: Largo do Machado em 1905 – Nessa foto observa-se a retirada do gradil que separava o jardim da via pública e um traçado semelhante ao do desenho de 1911 (Fig. 7). Note-se a denominação do Arquivo da Cidade para esse local, quando outras fontes indicam que, nessa época, ainda seria praça Duque de Caxias
Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

No desenho para a praça Duque de Caxias (posteriormente largo do Machado), datado de 1911, observa-se que o traçado é simétrico. Veremos mais adiante, que, sob uma aparente modernidade, esse mesmo procedimento será adotado para o largo do Machado no final dos anos 40 do século XX.

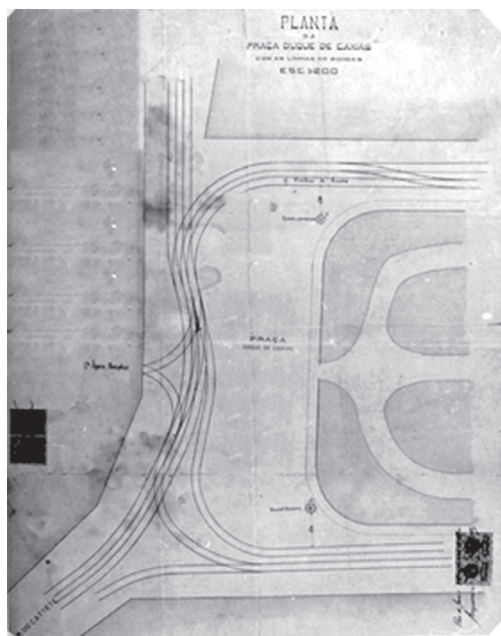


Figura 7:

Praça Duque de Caxias (atual largo do Machado).

Desenho: Joaquim F. P., 25 de julho de 1911

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Nesse acervo, apenas essa parte do desenho da praça apresentava-se disponível

Após as intervenções do período Pereira Passos, provavelmente o jardim do largo do Machado sofreu alterações resultantes dos cuidados de manutenção. Trabalhamos com suposições, devido à precariedade de material que documente qualquer mudança mais significativa nesse espaço até o final da década de 1940 do século XX. Essa referência se encontra em documento, sem indicação de autor ou data, com o seguinte relato: “Em 1947, com estudos, projetos e execução a cargo do Departamento de Parques e Jardins, foi novamente reformado, sendo inaugurado em 27 de agosto o Busto do Maestro Oscar Lorenzo Fernandes. Em 22 de novembro foi re-inaugurado pelo Prefeito Ângelo Mendes de Moraes.”²¹

Em 1949, a estátua de Duque de Caxias foi transferida para o Panteon em frente do Ministério da Guerra, na avenida Presidente Vargas, e em seu lugar foi construído um lago ornamental circundado por um caminho em pedra de cantaria.

Na entrevista concedida à autora em maio de 2002, o paisagista Robério Dias, morador do largo do Machado na segunda metade dos anos 40, e usuário do jardim durante a infância e parte da adolescência, informou que o lago continha um chafariz muito alto e a pavimentação era de saibro. A garotada, além das “peladas”, usufruía dos quatro brinquedos ali instalados (comuns em pequenas praças da cidade) – gangorra, rema-rema, escorrega e um balanço – dispostos perpendicularmente um em relação ao outro, com o lago como centro dessa disposição²².

O lago aparece em uma planta do Departamento de Parques e Jardins (Figura 9), datada de 1949, cujo projeto propõe a conservação das antigas palmeiras imperiais e figueiras. Como não há indicação em relação ao piso, supomos que o desenho faça alusão ao uso da pedra portuguesa nas cores preta e branca. Essa composição parece diferir completamente dos traçados anteriores; porém, o traçado das jardineiras e caminhos utiliza a mesma técnica do traçado simétrico, utilizada em projetos anteriores – alternando formas sinuosas e circulares referenciadas ao lago. A inovação se apresenta na anulação da ortogonalidade.

Um outro projeto (Figura 10), também de 1949, com referências à construção do lago, indica a pedra portuguesa branca para a pavimentação de quase toda a área do jardim, o que tornaria esse espaço uma praça seca. Os quatro canteiros estão dispostos de forma semelhante aos dos projetos anteriores (exceto o da Figura 9), ou seja, rebatidos e referenciados a um marco central — a princípio, o chafariz, depois o monumento ao Duque de Caxias e, por último, o lago central.



Figura 8:

Largo do Machado, por volta de 1920 – Nessa foto, os canteiros laterais indicam que não houve mudanças no traçado. Aqui, a denominação coincide com outras fontes documentais

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

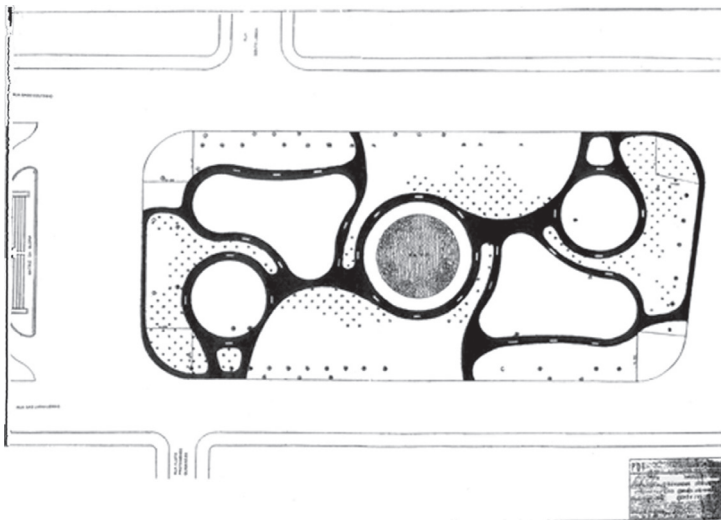


Figura 9:

Largo do Machado – Projeto de 1949, que não chegou a ser realizado

Fonte: Cópia cedida pela Secretaria de Parques e Jardins e trabalhada pela autora com o fim de possibilitar a leitura do desenho

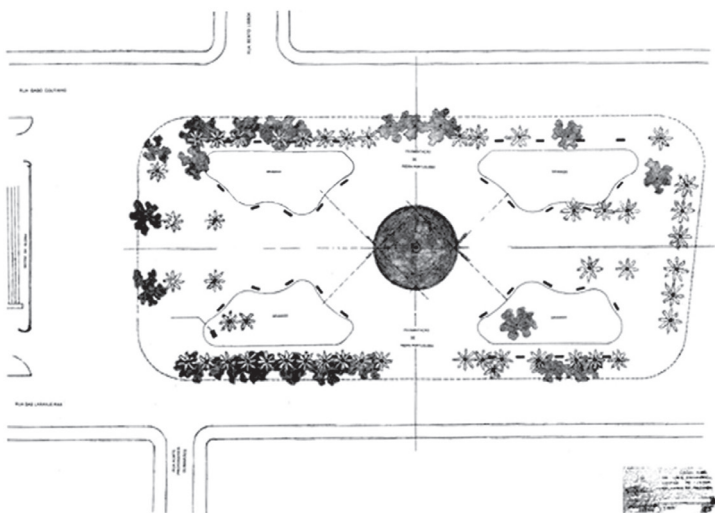


Figura 10: Largo do Machado – Projeto de 1949, realizado pelo Departamento de Parques e Jardins, no qual pode ser observado que os canteiros conservam a mesma disposição constatada em intervenções anteriores

Fonte: Cópia do original cedida pela Secretaria de Parques e Jardins, trabalhada pela autora para possibilitar a leitura do desenho

Em dezembro de 1954 foi celebrada uma missa em plena praça, pelo arcebispo d. Jaime de Barros Câmara, acompanhada por uma multidão de fiéis e diversas autoridades, entre elas o presidente Café Filho, inaugurando o monumento comemorativo do centenário da promulgação do Dogma da Imaculada Conceição da Virgem Maria. Ao escultor brasileiro Edgar Duvivier foi encomendado um pedestal revestido de mármore, para sustentação da escultura de N. Sa. da Conceição, criada pelo artista italiano Antonio Canova (Figura 11)²³.



Figura 11: Torre da Matriz de N. Sa. Da Glória e escultura de N. Sa. da Conceição — esta última, de autoria do escultor Antonio Canova, está localizada sobre pedestal no centro do lago, no jardim do largo do Machado

Crédito: Foto de Waldir Barreto pertencente ao acervo da Secretaria de Parques e Jardins



Figura 12: Largo do Machado – Escultura de N. Sa. da Conceição sobre pedestal no centro lago com chafariz. Algumas das palmeiras vistas na foto são remanescentes do projeto elaborado por Glaziou

Crédito: Foto de Alberto Jacob pertencente ao acervo da Secretaria de Parques e Jardins

O MODERNISMO DE BURLE MARX

No mesmo ano da inauguração da escultura de autoria de Canova, em 1954, o paisagista Roberto Burle Marx, já muito conceituado e dono de uma concepção paisagística inovadora, realizou o projeto de recuperação para o largo do Machado. Como pode ser observado na Figura 13, ele fez largo uso da pedra portuguesa em três cores, formando um desenho de piso de linguagem cubista. Os bancos contínuos em concreto contornam os canteiros, e o desenho destes desenvolve formas orgânicas — ambos, marcas de sua linguagem paisagística. Burle Marx preservou as palmeiras imperiais e as figueiras remanescentes do projeto de Glaziou, e, nos canteiros, onde usou a grama como cobertura, fez uso de maciços compostos com diversas espécies de helicônias²⁴.

Comparando com os projetos anteriores desenvolvidos por outros para o largo do Machado, observa-se que Burle Marx, diante do lago existente e da escultura recém-inaugurada, somando-se à intenção de conservar as palmeiras e as figueiras quase centenárias, em uma linguagem modernista, conservou a tríade do paisagismo eclético — composta, segundo

Espécies vegetais constantes do Projeto de Burle Marx

- 1 – *Solanum violaeifolium*, Schott. Rich
- 2 – *Heliconia angustifolia*, Hook Vell
- 3 – *Heliconia biahii*, L. Roddi
- 4 – *Heliconia brasiliensis*, Hook f. LF

- 5 – *Heliconia carnoidea*
- 6 – *Heliconia episcopalis*
- 7 – *Heliconia farinosa*
- 8 – *Heliconia psittacorum*



Figuras 13 e 14:
“Projeto de
ajardinamento
organizado por Burle
Marx para a praça
Duque de Caxias (largo
do Machado)” – O
primeiro desenho mostra
o tratamento do piso
em pedra portuguesa
e os bancos contínuos.
No segundo desenho
pode ser observado que
foram conservadas as
palmeiras e as figueiras

Fonte: Original do
primeiro desenho,
de 1954, fornecido
pelo Escritório
Burle Marx Ltda. O
segundo desenho
foi trabalhado pela
autora, com a inclusão
da representação de
palmeiras e árvores,
para um melhor
entendimento das
intensões de Burle Marx.

Obs.: O título desta
legenda é uma
transcrição do projeto
original de Burle Marx

Macedo²⁵, por caminhos em cruz, passeio perimetral e ponto focal. Porém, contrariou o procedimento da simetria — por este não fazer parte de sua linguagem, mas constatado nos trabalhos de outros projetistas para esse jardim — nesse espaço, Burle Marx pontuou a relação do jardim com a igreja, sobrepondo a linguagem modernista a uma concepção clássica (a igreja, o lago com o monumento, a ortogonalidade).²⁶ Além disso, o lazer contemplativo assistiu à inovação da inclusão de espécies vegetais pouco usuais em nossos jardins públicos — como o variado número de espécies de helicônias.

Com Burle Marx, o jardim do largo do Machado passou, realmente, a configurar-se como uma praça seca, com sua quase totalidade pavimentada.

No depoimento do paisagista Robério Dias, já mencionado, ele lembrou que o canteiro o qual ficava na esquina com a rua do Catete, em continuação da rua das Laranjeiras, teria sido destruído pela demanda da criança para um lugar para o jogo de bola. Os quatro brinquedos, antes colocados ortogonalmente ao lago, foram concentrados nesse canto do

jardim. Interessante é notar que não há indicação de brinquedos no projeto de Burle Marx, em um período no qual aquela região já apresentava uma densidade populacional grande, e não dispunha de locais públicos livres para recreação infantil.

Pouco antes do mandato do sr. Gildo Borges, iniciado em 1967, como diretor do Departamento de Parques e Jardins, quando esse órgão público ainda atendia como Serviços de Próprios Estaduais, a imprensa publicava alguns depoimentos sobre o largo do Machado²⁷:

“São três cinemas, um centro comercial, uma escola, um posto do INPS, quatro fotografos lambe-lambe, uma igreja e vários pontos de ônibus. Aglutinando todas essas atividades, o Largo do Machado permanece a qualquer hora do dia e parte da noite sempre cheio. Em consequência deste movimento desusado, o estado do Largo do Machado é deplorável: não existe mais grama e em seu lugar o lixo se amontoa. As árvores e palmeiras resistem heroicamente à depredação humana. Em alguns pontos essas árvores ainda fornecem sombra, justamente o local preferido por aqueles que sentam para ler os jornais e descansar. [...] D. Dilma Gonçalves, que leva todas as manhãs o neto a passear, diz que ‘prefiro ir ao Parque Guinle, mas fica longe de mim. Lá é que é bom, porque tem balanço, guarda e é mais bonito. Isso aqui é uma bagunça!’”

Em 1967, o lago recebeu uma fonte luminosa e uma restauração também a cargo de Roberto Burle Marx. Além das espécies especificadas no projeto das Figuras 12 e 13, foram introduzidas as seguintes espécies: as árvores *Pritchardia pacifica* (32 unidades), *Corypha tagliera* (4 unidades), *Orcedoxa oleracea* (9 unidades), *Courupita guyanensis* (15 unidades) e a arácea *Philodendron sp* (30 unidades).

Interessante notar que Burle Marx fez uso do saibro exatamente no espaço ocupado pelo canteiro mencionado acima, que tivera a plantação destruída. Dessa forma foi atendida uma demanda do usuário que, por não ter sido considerada na elaboração do planejamento anterior, impôs a reconsideração do projetista²⁸.

Quanto à vegetação, foi perguntado a Haruyoshi Ono (que colaborava com Burle Marx na época de seu projeto para a recuperação do jardim do largo do Machado) sobre o porquê da indicação de mais árvores altas para aquele local, no caso, o abricó-de-macaco (*Courupita guyanensis*), já que ele preservava as figueiras e as altíssimas palmeiras imperiais (que somavam uma quantidade considerável). Além da alegação que Burle Marx gostava muito dessa espécie, tendo sido o introdutor dessa árvore no paisagismo brasileiro, como mencionado por Ono, é possível ter procurado atenuar a presença das edificações, as quais, no entorno do jardim, já se apresentavam com 13 pavimentos. Se essa foi a intenção do paisagista, o resultado foi muito positivo: pois, quando olhamos para o alto na direção dos edifícios, os abricós-de-macaco (*Courupita guyanensis*) criam uma tal gradação volumétrica com as palmeiras (Figura 29), que qualquer sensação de fechamento ou enclausuramento causada pela presença deles naquele espaço é anulada.

TRANSFORMAÇÕES DO ENTORNO URBANO

Relatando como era a Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico, a estação de bondes de arquitetura severa, “em meio ao casario reles que compõe a fisionomia incaracterística das praças: velhas construções, ainda de aspecto joanino, uma ou outra evoluindo para aquela novidade que o espírito zombeteiro do carioca por vezes chama de ‘estilo compoteira’”, ou o Café Lamas, que, no início do século, é centro dos boêmios, funcionando dia e noite; ou ainda descrevendo a familiar Casa de Laticínios, e o sobrado acima dela, com suas 11 janelas, onde funcionava uma sociedade recreativa, carnavalesca e dançante. Luiz Edmundo nos faz um retrato de como já se delineava sutilmente a transformação do perfil urbano daquele local, que, indiscutivelmente, permanecia como de grande importância na cidade²⁹.



Figura 15:

Largo do Machado – Linhas de bonde no início do século XX, cuja garagem da Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico aparece à esquerda

Fonte: Revista Municipal de Engenharia. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, jan./dez./1997, p. 153

Trinta anos depois, com o aumento das edificações verticalizadas nos bairros de Laranjeiras, do Flamengo e do Catete, ainda que pequenos edifícios, onde estariam os usuários do largo do Machado, esse local foi gradativamente se tornando pequeno para atender à demanda de espaços públicos destinados ao lazer e à recreação da região. No final dessa década, uma classe média emergente, ávida por usufruir das benesses do bairro de Laranjeiras – e contemplada pela alteração dos gabaritos, em 1937, que permite construções de prédios de até 10 andares –, instala-se ali, e o perfil aristocrático do bairro muda definitivamente para o das classes popular e média.



Figura 16: Largo do Machado – Foto aérea de 1935 (figura e fundo)

Fonte: Componente do trabalho desenvolvido por um grupo de alunos do arquiteto paisagista Fernando Chacel, para a disciplina Diagnose da Paisagem, em 1995, no curso de especialização em Paisagismo, da Sociedade Nacional de Agricultura

Em 1940, o bairro de Laranjeiras apresentava 3.187 construções, sendo 928 casas e vilas. Em 1944, a área do Parque Guinle é transformada em parque público.

Na década de 1950, com as sucessivas liberações de uso, são permitidas construções de 8 a 12 pavimentos sobre pilotis.

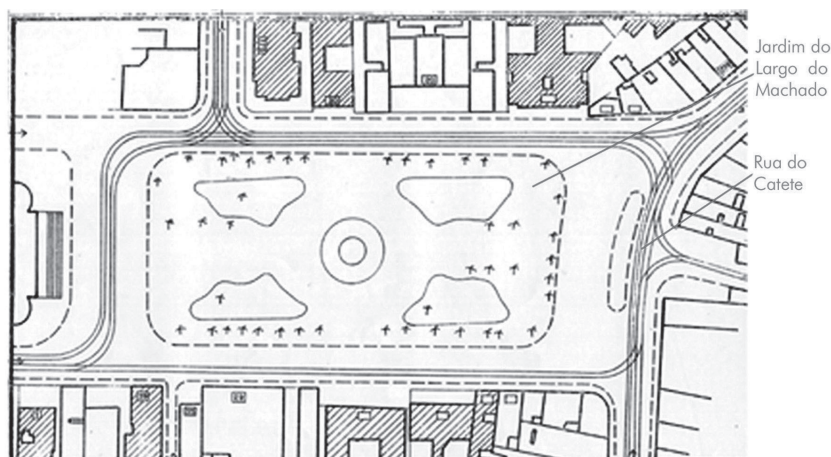


Figura 17: Largo do Machado – Planta baseada em aeromapa de 1956

Fonte: *Ibidem*



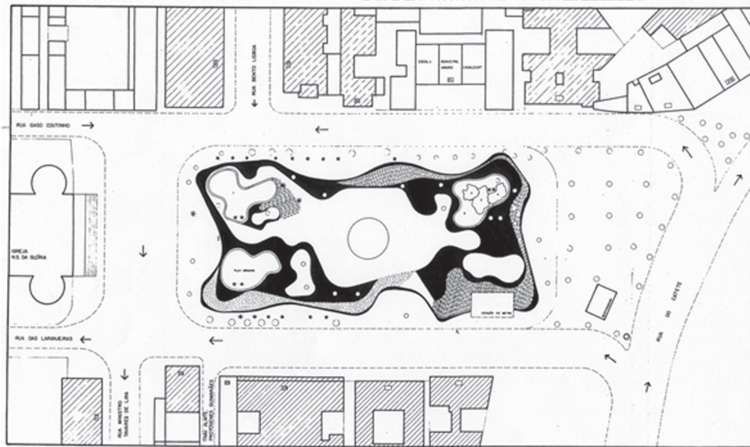
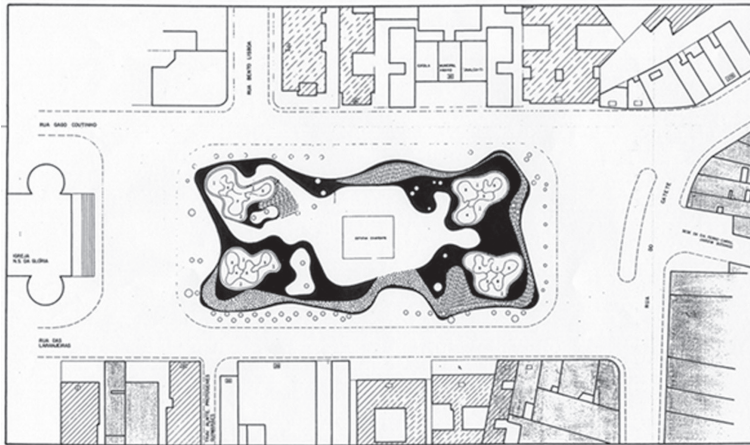
Figura 18: Largo do Machado – Aeromapa de 1976, no qual aparecem as alterações decorrentes das obras do metrô

Fonte: *Ibidem*

Em 1960, houve um significativo aumento das atividades de serviços resultante do crescimento populacional. Em 1962, surge a legislação com regulamentação da área mínima por unidade.

Nos anos 70, foram iniciadas as obras do metrô e, pelo Decreto n. 322 de 1976, o largo do Machado passou a ser classificado como Centro de Bairro (CB-3) e Zona Residencial 3 (ZR-3), que permite o uso misto – comercial e residencial. Porém, devido às obras do metrô, que ocuparam 1/3 de sua área com canteiros de obras, urbanisticamente, o largo do Machado ficou estagnado por um longo período.

Em 1984, o largo do Machado foi reinaugurado. Com o Projeto Rio Cidade, nos anos 90, foram realizadas alterações em seu entorno, principalmente na rua do Catete. Haruyoshi Ono, diretor do Escritório Burle Marx Ltda., em 1995 elaborou um projeto para o jardim do largo do Machado que não chegou a ser realizado.



Figuras 19 e 20:
Largo do Machado
– Situação em 1954 e
em 1995
Fonte: Ibidem

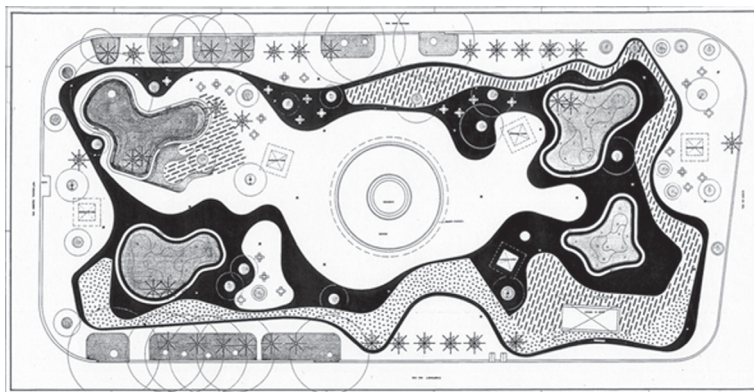


Figura 21:
Jardim do largo do
Machado – Projeto de
Haruyoshi Ono, elaborado
em 1995
Fonte: Cópia da planta
gentilmente cedida por
Haruyoshi Ono, em 2002

Atualmente, o largo do Machado se configura como uma praça urbana, de influência francesa, cercada de ruas, com acesso para todos os lados. Ao longo do tempo, como visto anteriormente, passou por várias transformações, porém, essas mudanças de fisionomia não romperam com a configuração espacial simétrica de sua estrutura.

ANÁLISES MORFOLÓGICA E TIPOLOGICA URBANA

O trabalho de análise de campo do largo do Machado seguiu o roteiro metodológico desenvolvido na disciplina Arquitetura da Paisagem, da professora Vera Tângari, no curso de

mestrado da FAU-UFRJ, a partir de conceitos defendidos em tese de doutorado³⁰, elaborada anteriormente. Essa metodologia pressupõe os seguintes aspectos:

- A – Nível hierárquico na malha ou no conjunto de edificações;
- B – classificação por tipo;
- C – função e programa;
- D – relação funcional direta com o entorno construído;
- E – relação formal com o entorno construído;
- F – tratamento [vegetação, pavimentação – texturas, fachadas (cores e texturas), material construtivo, equipamentos e mobiliário, infra-estrutura, ambiente (luz, vento, som, odores)];
- G – apropriação por usuários.

Em uma análise tipológica urbana, o jardim do largo do Machado é classificado como um espaço essencialmente público e um centro de bairro. Por apresentar-se tanto como local de **passagem e circulação** quanto como local de **permanência e recreação**, deve a esses itens sua classificação como espaço misto.

No item **função e programa**, por apresentar um amplo espaço desimpedido na parte central, constatamos que esse local atende ao programa de passagem e circulação. Quanto à condição de permanência, o mobiliário e as árvores no entorno têm um papel primordial. Apresentando diversos bancos contínuos que facilitam o descanso, a leitura dos jornais, o “cochilo”, os encontros a dois ou a simples observação do movimento em torno, muitos locais sombreados pelas árvores, propiciando as rodas de conversa e mesinhas com banquinhos para o carteado, os jogos de dama e outros, o jardim do largo do Machado atende plenamente às solicitações de seu programa.



Figuras 22 e 23:

Largo do Machado – O banco contínuo em concreto (na foto acima), as mesas de jogo e o sombreamento intenso produzido pelas figueiras e abricós-de-macaco (foto ao lado) convidam à permanência no local. Podemos observar que, devido à sua inserção em área densamente edificada e com grande fluxo de veículos, além de alojar uma estação de metrô, o jardim do largo do Machado também se configura como local de passagem
Créditos: Fotos da autora, em 2003

No item **relação funcional direta com o entorno construído**, ou seja, com a área urbana onde está inserido — densamente edificada, classificada como ZR-3, e apresentando um alto percentual de habitantes por m² (v. Figura 26) —, o jardim do largo do Machado, ao

configurar-se como de permanência e recreação (conforme visto anteriormente), mostra-se incipiente para atender à demanda da região de espaços livres verdes para recreio e permanência. No entanto, na relação com seu entorno imediato, atende plenamente às demandas de funcionalidade.



Figuras 24 e 25: Largo do Machado – A vegetação de grande porte, concentrando-se nas laterais (como os abricós-de-macaco, na foto à esquerda), permite espaços de intensa insolação na parte central do jardim. Os quiosques para venda de plantas conferem a esse local o aspecto de uso contínuo

Créditos: Fotos da autora

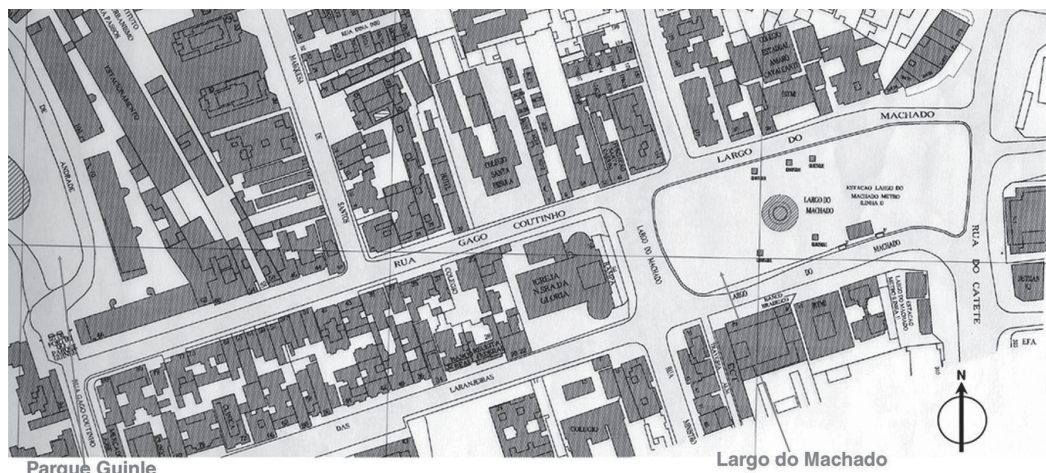


Figura 26: Entorno construído do jardim do largo do Machado (figura e fundo) – A concentração edilícia nas proximidades do jardim do largo do Machado apresenta uma predominância de prédios estritamente residenciais, de 3 a 11 andares, nas ruas das Laranjeiras e Gago Coutinho. O entorno imediato apresenta uma maioria de prédios de 7 a 12 andares residenciais, de serviços ou mistos, com lojas no térreo

Fonte: Desenho elaborado a partir de dados obtidos em pesquisa empreendida pela autora, em 2003

No item **relação formal com o entorno construído**, constatamos que, na relação entre a vegetação e as edificações, os prédios do entorno não prejudicam a insolação do jardim, pois se encontram bem distanciados; e a volumetria da vegetação, interagindo com a volumetria dos prédios, beneficia a configuração espacial. Destacamos a importância da composição desses vegetais ao atenuarem a visão dos prédios concentrados nas direções B (Figura 28) e D (Figura 29), indicadas no diagrama da Figura 27, e anularem qualquer sensação de enclausuramento para o usuário daquele espaço. Constatamos a predominância tanto das figueiras e das palmeiras imperiais (remanescentes do plantio original de Glaziou) quanto dos abricós-de-macaco (*Courupita guyanensis*), introduzidos por Burle Marx em 1967 e cuja concentração nas laterais promove a formação de uma “clareira” na parte central do jardim.

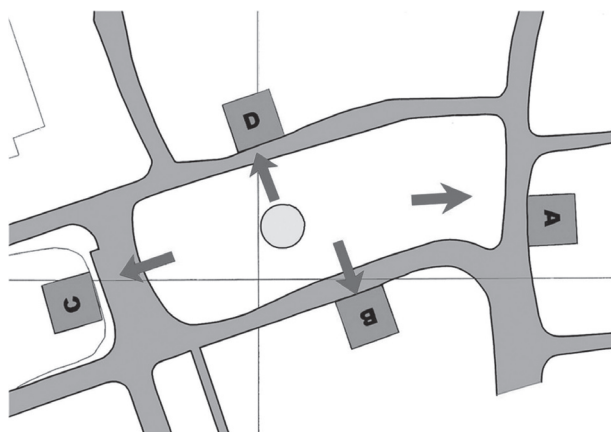


Figura 27:

Diagrama de orientação urbanística do largo do Machado

Crédito: Elaborado pela autora, relacionado às edificações de seu entorno imediato



Figura 28:

Direção B do diagrama acima, no qual observamos o banco contínuo em concreto, também indicado por Burle Marx para diversos outros projetos de jardins

Crédito: Foto da autora



Figura 29:

Direção D do mesmo diagrama, no qual observamos a gradação da vegetação de grande porte (palmeiras, figueiras e abricós-de-macaco) relacionada aos volumes arquitetônicos

Crédito: Foto da autora

Na direção D (Figura 29), situam-se 3 prédios de 9 andares acima do térreo com lojas, configurados como de uso misto (comércio e residência) e com alinhamento alternado por construções mais baixas (de 2 andares). O lado B, do mesmo diagrama, apresenta 3 prédios de 8, 9 e 11 andares, acima de galerias com lojas e sobrelojas, de intenso comércio.

A igreja de N. Sa. da Glória (Figura 30), na direção C do diagrama anterior, e o palacete ocupado pelo Colégio Estadual Amaro Cavalcanti (Figura 31), na direção D do mesmo diagrama, são representativos da arquitetura eclética que predominou no século XIX e início do XX.

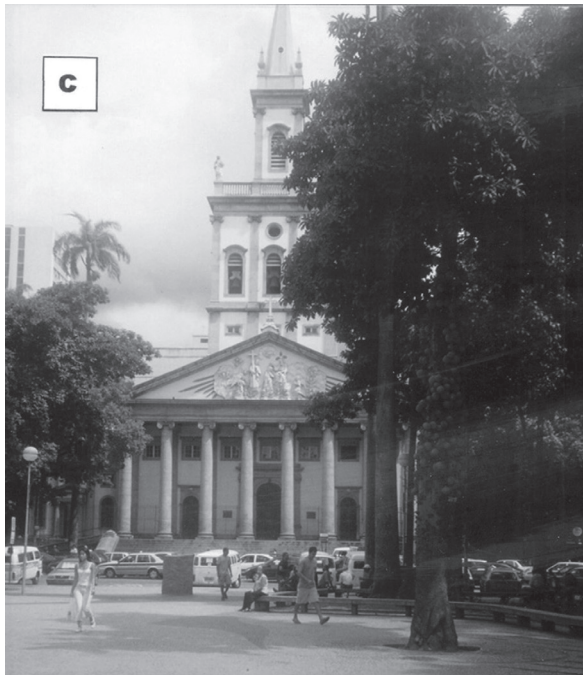


Figura 30:
Direção C do diagrama da
Figura 27, em que observamos
a Matriz de N. Sa. da Glória
Crédito: Foto da autora



Figura 31:
Colégio Estadual Amaro
Cavalcanti – Instalado no
palacete representativo
da arquitetura eclética,
cuja fachada se soma à
das outras edificações,
conferindo heterogeneidade
ao aspecto do entorno
construído, no item **texturas**
Crédito: Foto da autora

No item **fachadas**, devido às edificações no entorno do largo do Machado apresentarem uma grande variedade de texturas – na altura do observador, constatamos o colorido dos letreiros das lojas, restaurantes e serviços –, ele pode ser classificado como heterogêneo.

O prédio que aparece na foto da Figura 33 (direção A do diagrama anterior), construído nos anos 70 em local onde funcionou a Cia. Ferro Carril, tem 12 pavimentos e fachada de vidraças azuis.

No item **apropriação pelos usuários**, a calçada do lado par, entre a rua Bento Lisboa e a do Catete, é bem explorada pelos restaurantes (Figura 32), e a do lado ímpar (direção B no diagrama da Figura 27) é exclusivamente usada para circulação. Com as obras do Rio Cidade, no final dos anos 90, a calçada na esquina com a rua do Catete foi incorporada ao largo do Machado, com os restaurantes daquele trecho também se apropriando do espaço público. Na rua do lado par (direção D do diagrama da Figura 27), funciona um estacionamento rotativo da prefeitura.

No item **pavimentação**, como visto, as obras do Rio Cidade incorporaram ao largo do Machado a calçada da esquina com a rua do Catete, dando continuidade à pavimentação de pedra portuguesa. A rua interna recebeu tratamento de piso intertravado de concreto.



Figura 32:

Fachada e apropriação – Os restaurantes instalados em casario antigo apropriaram-se da mesma calçada na qual, mais adiante, encontra-se o palacete da foto anterior. A rua contígua recebeu piso intertravado de concreto, onde funciona um estacionamento rotativo
Crédito: Foto da autora



Figura 33:

As instalações da antiga Cia. Ferro Carril do Jardim Botânico deu lugar ao prédio de 12 pavimentos com fachada de vidraças azuis (direção A do diagrama da Figura 27)
Crédito: Foto da autora



Figura 34:

Vegetação de cobertura para a vegetação de grande porte – Na parte interna das argolas no piso, envolvendo as raízes das árvores de grande porte, não constatamos cobertura. As figueiras centenárias do jardim do largo do Machado foram tombadas pelo Patrimônio Histórico em 2005

Fonte: Foto da autora



Figura 35:

Vegetação e pavimentação – por apresentar pavimentação em pedra portuguesa branca e preta em sua totalidade, o jardim do largo do Machado configura-se como praça seca. Os prédios à sua volta não interferem na insolação devido à distância de sua localização

Crédito: Foto da autora

No item **luz e sombra**, o jardim do largo do Machado apresenta tanto áreas de muita insolação como também de sombra intensa, proporcionada pela vegetação alta que se concentra nas laterais.

No item **continuidade e transitoriedade**, esse espaço é caracterizado como de uso misto (tal qual no item **circulação e permanência**). Como uso contínuo apresentam-se: o comércio de plantas nos quiosques, os fotógrafos “lambe-lambe” (dois deles foram observados em pontos permanentes), e as carrocinhas de pipoca. Como uso transitório, identificamos as apresentações eventuais de performances variadas (mágicos, malabaristas, etc.), em geral nas manhãs de domingo; noites dançantes às sextas-feiras (uma iniciativa da prefeitura), as eventuais concentrações em torno de oradores religiosos, as feiras livres semanais e a feira anual de livros, no segundo semestre.

No item **recreação**, o jardim do largo do Machado atende mais ao público adulto e mais idoso. O jogo é tão intenso nessa área (Figura 36), que poderíamos dizer: ocorre permanentemente, a qualquer hora do dia ou da noite. Com frequência foi observado que os jogadores não se limitam apenas à ocupação do mobiliário destinado para esse fim. Nessa atividade, também fazem uso dos bancos contínuos concebidos por Burle Marx.



Figura 36:

Largo do Machado – O mobiliário destinado ao carteadado, concentrado no lado D do diagrama anterior, mostra-se insuficiente para atender à demanda dos usuários moradores das proximidades (em geral, homens aposentados), os quais, algumas vezes, chegam a ocupar os bancos contínuos

Crédito: Foto da autora

Um pequeno espaço foi destinado à recreação infantil. Equipado com alguns brinquedos (Figura 37), apresenta frequência oscilante de uso – escassa em boa parte do dia e muito intensa no final de algumas tardes (como nas de sábado, por exemplo).



Figura 37:

Largo do Machado
 – O pequeno playground, equipado com brinquedos convencionais, localiza-se no lado B, quase esquina com a lateral da igreja. Nos dias úteis, observou-se uma baixa frequência de crianças. Os adultos, usuários dos bancos contínuos, confirmam que, no item função e programa, o local atende também à permanência

Crédito: Foto da autora

No item **elementos construídos** foram identificados: o obelisco no centro do lago central do jardim, as bordas dos canteiros, o lago, a entrada e o respiradouro do metrô.

O descanso contemplativo ou o “cochilo”, as rodas de conversa, os encontros a dois e a leitura dos jornais, como mencionado, configuram esse jardim como espaço de permanência. Além dos bancos contínuos e dos numerosos banquinhos das mesas de jogos, a borda do lago situado no centro daquele espaço – a apresentar elemento escultórico e chafariz (frequentemente em atividade) –, também é muito usada como assento.

No item **equipamentos e mobiliário** estão incluídos: os bancos contínuos; as mesinhas com bancos individuais para os jogos; 2 bicicletários para 6 bicicletas, na frente do colégio estadual; 1 bicicletário para 3 bicicletas do lado oposto ao jardim, onde se localizam os brinquedos; 5 quiosques para venda de plantas; um pequeno espaço com brinquedos (1 escorrega, 1 balanço com 3 assentos e 1 gangorra de 3 pranchas); 3 bustos em pedra, 1 escultura da Imaculada Conceição, apoiada em obelisco; 1 chafariz no lago; e 1 abrigo (envidraçado) para usuários dos pontos de ônibus.

A **infra-estrutura** é composta de:

Iluminação – Atendida por postes finos de lâmpada única em globo de vidro opaco, postes mais altos de 2 “pétalas”; e por iluminação específica para o monumento no centro do lago;
 segurança – As informações sobre a ocorrência de pequenos furtos praticados por pivetes, com mais frequência ao anoitecer, foram obtidas em entrevistas, realizadas pela autora, com comerciantes e usuários do jardim. O movimento dos restaurantes, ainda segundo eles, inibe essas ações no lado oposto ao das galerias, porém, quando estes encerram suas atividades (por volta das duas horas da manhã), não é aconselhável passar ou permanecer no local. A intensidade dos jogos também inibe os assaltos;

aluguel de veículos – Ponto de kombis na lateral, na frente da igreja;

estacionamento – Rotativo durante o dia e taxa única para pernoite, sob a supervisão da prefeitura;

pontos de ônibus – Ponto final de quatro linhas de ônibus.

CONCLUSÕES

Como mencionado no início deste trabalho, na evolução urbana do Rio de Janeiro surgiu um grande número de largos, alguns deles listados em um percurso relativamente pequeno da cidade – entre o largo do Machado e a praça da República (antigo Campo de Santana). O largo do Machado foi escolhido como objeto de análise deste trabalho, por apresentar, em sua trajetória como espaço urbano – desde o século XVII, na condição de terra doada a um padre que nela desenvolvia plantação de sustento, até os dias atuais –, transformações representativas das influências que marcaram o desenvolvimento da própria cidade do Rio de Janeiro. Essas influências, a serviço das modernidades, não chegaram a romper o elo

com a primeira intervenção (de concepção francesa), a qual, possivelmente, ocorreu após seu reconhecimento como logradouro público em 1810. Apesar da aparência de inovação, em termos de traçado, todas elas se mostraram conservacionistas: o traçado de concepção inglesa sucedendo a francesa, no final do século XIX, e sua substituição em meados do século XX pelas intervenções com características do paisagismo modernista.

O largo do Machado, nos anos 40 do século XIX, com o lançamento da pedra fundamental da Matriz da Glória, assistia o clero, fazendo-se presente nas negociações para pontificação de seu poderio. Pouco mais de um século depois, serve como espaço de reforço da expressividade pública da igreja, com a missa campal celebrada na inauguração do monumento religioso do lago no centro do jardim público. Ambos os eventos contaram com grande concentração de fiéis: um com a presença do imperador d. Pedro II e a corte, e o outro acompanhado pelo presidente Café Filho e autoridades.

Com o passar do tempo, o entorno do largo do Machado teve um adensamento populacional tão acentuado, que reduziu as possibilidades de atendimento desse jardim às demandas de espaço livre público para lazer e recreação daquele local.

Com isso, fica enfatizada a importância da doação do Parque Guinle para a cidade, aberto ao público em 1944, pois veio preencher a grande carência de espaços livres públicos para recreio desse espaço urbano.

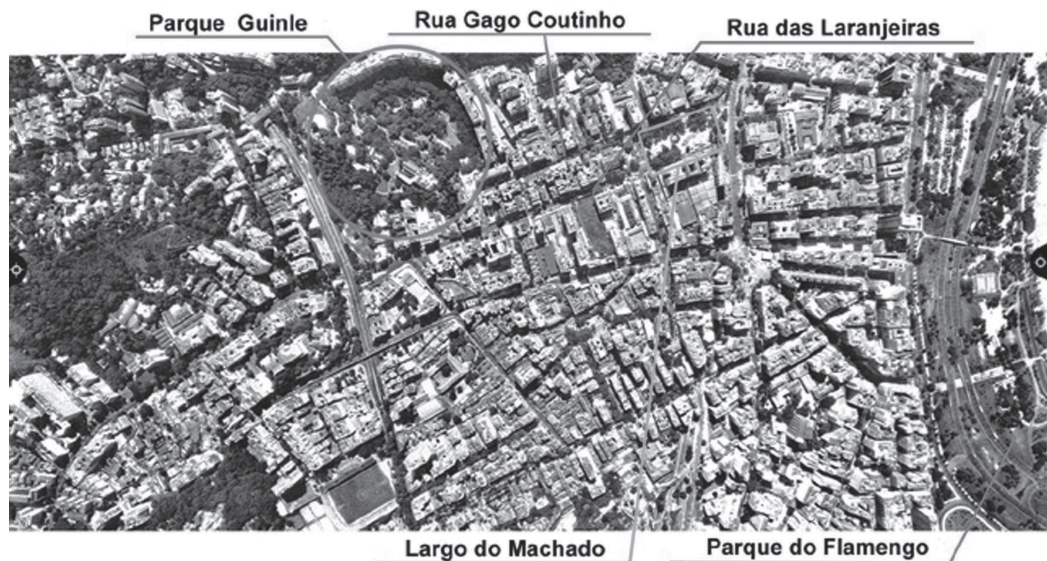


Figura 38: Largo do Machado e Parque Guinle – Foto aérea, na qual pode ser observada a relação entre os dois espaços de lazer e o entorno servido por eles

Fonte: Instituto Pereira Passos

Ao contrário do jardim do largo do Machado, de sua origem (1912) aos dias de hoje, o Parque Guinle se mantém quase inalterado. Trata-se de um jardim de vizinhança, apresentando terreno acidentado formando um vale, com apenas uma via de acesso.

Dentre as dicotomias de configuração apresentadas por esses dois espaços, estão suas próprias concepções paisagísticas originais: a francesa do largo do Machado e a inglesa do Parque Guinle. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, apresentam coincidências de linguagens projetuais: ambos tiveram traçado de paisagistas franceses traduzindo a influência inglesa para a cidade do Rio de Janeiro – Glaziou, em 1872, concebendo a reforma do largo do Machado, e o paisagista Cochet (contratado pelo antigo proprietário Eduardo Guinle) projetando o Parque Guinle no final da primeira década do século XX. Além disso, ambos

tiveram a atuação de Roberto Burle Marx, que, na intenção de manter a vegetação mais significativa dos projetos concebidos pelos dois paisagistas franceses, restringiu sua atuação às determinantes de contextos passados. A atuação de Burle Marx deu seqüência a um histórico de intervenções que promoveram a concomitância de representações paisagísticas diversas, ou melhor, intervenções caracterizadas pelo amálgama de tradição e modernidade.

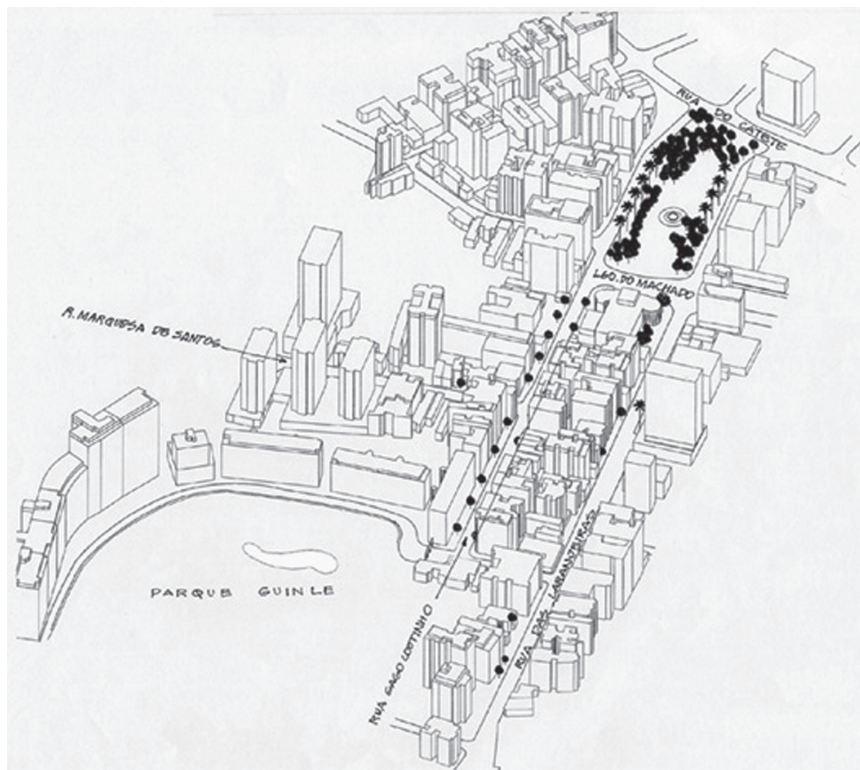


Figura 39: Largo do Machado e Parque Guinle – Perspectiva
Crédito: Desenho elaborado por Miguel Muller para a autora

Notas

- (1) ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 16.
- (2) A expansão da cidade do Rio de Janeiro caracterizou-se pelo enfrentamento com as limitações e dificuldades de sua configuração geográfica: entre o mar e os morros, apresentando inúmeros charcos na parte plana. O calor dos trópicos e a umidade alta fazem-nos supor que uma atmosfera sufocante impunha-se aos cidadãos. Os aterros foram uma alternativa constante no processo de desenvolvimento urbano, e possibilitaram a criação de diversos espaços livres públicos: um desses exemplos é o Passeio Público, que existe desde 1783.
- (3) REIS, José de Oliveira. História urbanística do Rio de Janeiro. *Revista Municipal de Engenharia*, edição especial, agosto de 1997. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, p. 55.
- (4) Ibidem, p. 88.
- (5) CRULS, Gastão. *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Acervo do IBGE.
- (6) As diversas denominações tiveram início com as seguintes datas de decretos ou portarias: Portaria Ministerial de 19 de maio de 1843 – Praça de Glória; 29 de setembro de 1869 – Praça Duque de Caxias; Decreto n. 1.165, de 31 de outubro de 1917 – Largo do Machado; Decreto n. 4.300, de 24 de agosto de 1933 – Praça Duque de Caxias; Decreto n. 9.877, de 25 de agosto de 1949 – Largo do Machado.
- (7) Decreto imperial de 30 de outubro de 1834: “A Regência permanente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, em execução do art. 1º do Decreto da Assembléia Legislativa de 9 de agosto passado: Há por bem que a nova freguezia de N. S. da Glória, desmembrada de S. José desta Corte, tenha por limites todo o districto comprehen-

- didido entre os actuaes, da Freguezia da Lagoa de Rodrigo de Freitas e o becco do Império da Lapa (atual Rua Teotônio Regadas), tirada por este becco do lado da Glória, uma linha ate ao Alto do Morro de Santa Thereza junto ao Acqueduto da Carioca.”* (Escritos sobre o templo, do provedor da Irmandade da Glória, F. B. Marques Pinheiro. In: *Templos históricos do Rio de Janeiro*, de Augusto Maurício, 2. ed. – acervo do IHGB, n. 146-6-24.
- (8) O sargento-mor e juiz de paz Antonio Joaquim Pereira de Velasco era o proprietário dessa chácara. Fonte: Folhas datilografadas, sem referências, constantes das pastas relativas ao largo do Machado, pertencentes ao acervo da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão de Monumentos e Chafarizes.
 - (9) TERRA, Carlos Gonçalves. *O jardim no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado* (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes – UFRJ, 1996, p. 52.
 - (10) GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda & Editores, 2000, p. 267 e 270.
 - (11) Cópia da carta do sr. Antonio G. Cabral dirigida à Câmara, datada de 21 de janeiro de 1868, na qual estipula a importância de três contos de réis anuais, pagos por trimestre, o contrato por espaço de três anos, para realizar a conservação do largo do Machado. Fonte: Pasta referente ao largo do Machado, Secretaria de Parques e Jardins, Divisão Monumentos e Chafarizes.
 - (12) O projeto de Glaziou não foi encontrado, uma possibilidade resultante de pesquisa mais prolongada. A única fonte que parece fornecer uma indicação mais detalhada é muito precária, por apresentar-se em folha datilografada, sem indicação de data ou autoria, mas com referências aos documentos n. 02, 03 e 04, não encontrados, que comprovariam a atuação de Glaziou, porém, sem maiores esclarecimentos. Esse material faz parte de um conjunto de dados constantes de uma pasta com material sobre o Largo do Machado, pertencente ao acervo da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão de Monumentos e Chafarizes.
 - (13) Carta do doutor Antonio Barroso Pereira dirigida à Freguesia da Glória, datada de 28 de abril de 1875. Fonte: Cópia do documento disponível na pasta com material sobre o largo do Machado, da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão de Monumentos e Chafarizes.
 - (14) Carta dirigida à Conservação das Praças e Jardins Municipais da Corte, datada de 1877. Fonte: Ibidem.
 - (15) Carta datada de 1884, assinada por Francisco de Paula Bicalho, endereçada à Direção das obras do novo abastecimento d'água à cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Ibidem.
 - (16) Cópia da carta assinada por Joaquim Ferreira da Cunha, disponível na pasta com material sobre o largo do Machado, do acervo da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão Monumentos e Chafarizes.
 - (17) No acompanhamento da evolução do Rio de Janeiro, muitas vezes nos deparamos com referências às suas precárias condições urbanísticas, como nos escritos do parisiense Victor Jacquemont, viajante naturalista que teria relações estreitas com Saint-Hilaire. Ao descrever as impressões de uma estada acidental de três semanas na cidade, no final de 1828, no diário de viagem publicado pelo governo francês em 1841, relatava: *“Nada mais pobre que sua construção anarquitetural: casas pequenas, baixas, de sórdido aspecto, ausência de edifícios públicos, não passando o próprio Palácio Imperial de vasto casarão, muito mal mantido e sujo. Das igrejas apenas vê a mesquizez das dimensões. Nas praças públicas, aliás, de grande área, a ausência absoluta de arborização: nas ruas regulares, no entanto, a estreiteza e o detestável calçamento.”* Fonte: TAYNAY, Afonso D'escragnolle. *Rio de Janeiro de antanho*. Rio de Janeiro: Acervo da Biblioteca Nacional, doc. n. 48.2.25.
 - (18) CHIAVARI, Maria Pace. As transformações urbanas no século XIX. In: *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. (Coleção Uma Cidade em Questão). Rio de Janeiro: PUC, 1985, p. 307.
 - (19) Ibidem, p. 308 e 309.
 - (20) Ibidem, p. 309.
 - (21) Documento da pasta relativa ao largo do Machado, da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão Monumentos e Chafarizes.
 - (22) O paisagista Robério Dias colaborou com Roberto Burle Marx durante muitos anos, e desde sua morte é o diretor do Sítio Burle Marx, em Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro.
 - (23) Essa escultura fora adquirida primeiramente por d. Joaquim Arcoverde Cavalcanti para ornamentar os jardins do Palácio São Joaquim, onde se instalara o Ministério do Exterior na Primeira República. Localizado no Sumaré, posteriormente, o palácio se tornou a arquidiocese do Rio de Janeiro, ali permanecendo até os dias atuais e onde também reside o arcebispo da cidade. Fonte: *Diário de Dom Jaime Câmara* (cópias sem indicação da edição ou data), p. 384 a 387, constante da pasta sobre o largo do Machado, pertencente ao acervo da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão de Monumentos e Chafarizes.
 - (24) No projeto de recuperação do jardim do largo do Machado, Burle Marx optou pela preservação do maior número de figueiras (que, em 2005, foram tombadas como patrimônio histórico) e palmeiras imperiais, quase centenárias, além de usar uma grande variedade de helicônias.
 - (25) ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 58 e 59.
 - (26) Apesar da preservação do ponto focal (o lago) e das figueiras ao longo de dois lados opostos do jardim (o passeio perimetral), com sua disposição simétrica configurando o desenho eclético desse espaço, observamos uma diluição da tríade clássica. Além desse artigo, podemos acompanhar a evolução da transformação do

jardim do largo do Machado também em *A praça em movimento – Processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX*, de FONT, Mauro.

- (27) Material copiado de jornal sem identificação e sem indicação de data, encontrado na pasta referente ao largo do Machado, acervo da Secretaria de Parques e Jardins, Divisão de Monumentos e Chafarizes.
- (28) Informação constante da Pasta DOC 1967, disponibilizada por Fátima Gomes e Haruyoshi Ono, no Escritório Burle Marx Ltda.
- (29) EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Xenon Editora e Produtora Cultural Ltda, v. 1, Coleção Memória Viva.
- (30) ÂNGARI, Vera. *Um outro lado do Rio* (tese de doutorado). São Paulo: FAUUSP, 1999.

Bibliografia

CHIAVARI, Maria Pace. As transformações urbanas no século XIX. *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*. Rio de Janeiro: PUC, 1985. (Coleção Uma Cidade em Questão).

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, v. 1, p. 107, 1949. (Coleção Documentos Brasileiros).

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Xenon Editora e Produtora Cultural Ltda., v. 1, 1987. (Coleção Memória Viva).

FONT, Mauro. *A praça em movimento – Processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda & Editores, 2000.

LEITE, Fernando França. Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Monumentos. In: *Rio de Janeiro – Uma viagem no tempo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Or. Editorial Independente, 1953.

MAURÍCIO, Augusto. *Templos históricos do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graef. Laemmert, 1947.

REIS, José de Oliveira. História urbanística do Rio de Janeiro. *Revista Municipal de Engenharia*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, v. XLII, n. 1, 1992.

_____. 1997, Edição especial.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. *Praças brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2002.

TÂNGARI, Vera. *Um outro lado do Rio*. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Rio de Janeiro de antanho: Impressões de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (Acervo da Biblioteca Nacional, doc. 48-2-25).

TERRA, Carlos Gonçalves. *O jardim no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

WEINBERG, Bárbara; SILVA, Janie Garcia da. A obra de Glaziou no Brasil. *Revista de Cultura da UFES*, Vitória: UFES, n. 21, 1982.

Obs.: A pesquisa deste trabalho foi desenvolvida para a monografia final da disciplina Arquitetura da Paisagem, da professora Vera Regina Tângari, no curso de mestrado do PROARQ-FAU/UFRJ, área de Teoria e Projeto.

Contribuições: Arquitetos Fátima e Haruyoshi Ono (depoimentos e disponibilização de plantas e documentação dos projetos de Roberto Burle Marx); arquiteta Vera Dias (depoimentos e disponibilização de toda a documentação referente ao largo do Machado, na Secretaria de Parques e Jardins); Annie G. Eppinghaus (empréstimo do livro de Luiz Edmundo); Miguel Bethencourt Müller (perspectiva da Figura 39); e paisagista Robério Dias (depoimento).

Locais de Pesquisa: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; Escritório Burle Marx e Cia. Ltda.; Fundação Biblioteca Nacional; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Pereira Passos; Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro; e Secretaria de Parques e Jardins.